

***Kafka à Beira-Mar* de Haruki Murakami**

Recensão

Dalila Lopes

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Portugal

dalop@iscap.ipp.pt

Desengane-se quem parta para a leitura de *Kafka à Beira-Mar* à procura de Franz Kafka. E daí, talvez não.

De facto, o romance de Haruki Murakami¹⁴¹, escritor japonês galardoado com os prémios Noma, Tanizaki e Yomiuri, tem como protagonista um jovem de quinze anos que adopta o nome fictício de Kafka ao fugir de casa, determinado a procurar não se sabe bem o quê, sendo certo que a sua fuga tem por base afastar-se de recordações traumáticas de infância. Kafka Tamura¹⁴² tem uma espécie de alter-ego, um rapaz chamado Corvo – e note-se que a palavra checa ‘kafka’ significa ‘corvo’ –, que tem voz na narrativa, intervindo nos momentos-chave em diálogo interior com Kafka Tamura. Nas suas deambulações de fuga, Kafka Tamura vai parar à Biblioteca Memorial Komura, onde acaba por ficar a trabalhar e a pernoitar, e aí depara com o quadro *Kafka à Beira-Mar*, um quadro detentor de um sortilégio que despoleta importantes desenvolvimentos na trama, dificilmente classificáveis como reais ou fictícios dentro do universo ficcional do romance. Além disso, neste universo diegético, a verosimilhança ou a inverosimilhança é o que menos interessa, e Murakami joga com isso magistralmente.

Em termos de estrutura, *Kafka à Beira-Mar* começa com três linhas narrativas, que a breve trecho se fundem em duas, e finalmente numa só. É com assinalável engenho que Murakami urde esta trama, conseguindo surpreender-nos constantemente,

¹⁴¹ Murakami, Haruki, *KAFKA À BEIRA-MAR*, 5ª edição 2007, trad. de Maria João Lourenço, Lisboa: Casa das Letras.

¹⁴² Tamura é o nome de família, que o jovem mantém.

e revelando algumas técnicas narrativas distintas daquelas que é habitual encontrar na ficção ocidental. Ao mesmo tempo, há referências constantes à cultura ocidental, quer à chamada cultura erudita, quer à cultura pop: por exemplo, referências a Beethoven e ao *Trio Arquiduque* coexistem com fortes marcas da cultura pop ocidental, como seja a existência de personagens caracterizadas e referidas como Johnnie Walker e o Coronel Sanders, esse mesmo, o ícone da cadeia de *fast food* Kentucky Fried Chicken. E, diga-se de passagem, não coexistem nada mal.

E, no meio de tudo isto, será que podemos encontrar neste romance algo de Franz Kafka? Isso depende das leituras, claro. Tal como o leio, acho que muito pouco: talvez aqui e ali episódios insólitos e inverosímeis possam, muito longinquamente, evocar Franz Kafka, mas esses episódios são pinceladas esparsas, se bem que vigorosas e despoletadoras da progressão da acção; no entanto – e isso é fundamental –, falta aqui a fantasmagoria de Franz Kafka, aquela que se instala logo a partir da primeira página e que segue implacavelmente o seu rumo, de tal modo que logo se banaliza, no sentido em que o ilógico, o insólito e o inverosímil se tornam no real, e nada mais há para além disso.

Mais marcante em *Kafka à Beira-Mar* parece-me ser a influência do *road movie*, detectável nas deambulações de Kafka Tamura e particularmente no percurso da personagem Nakata; também a influência da *manga* ou da *anime* japonesas, quer em conteúdo quer em forma, salta aos olhos, sobretudo no que respeita à história de Nakata, que é narrada com uma particular visualidade.

Apenas uma nota em relação à tradução para português: embora não conhecendo o original, o texto desta tradução flui sem que se tropece em nada, excepto, inevitavelmente, em algumas referências marcadamente culturais, que, no entanto, são cuidadosamente explicadas em inúmeras notas de rodapé, às vezes até um pouco excessivas.

O *Independent*, o *Daily Mail* e o *The Times* caracterizaram *Kafka à Beira-Mar* respectivamente como viciante, maravilhoso e hipnotizante. Leia-o e comprove.